

Veículo: O Liberal		
Data: 19 e 20/11/2016	Caderno: Poder	Página: 12
Assunto: Simpósio		
Tipo: Notícia	Ação: Provocada	Classificação: Positiva

Simpósio defende uso da água da chuva

USO DOMÉSTICO

Encontro em Belém procura disseminar informações sobre práticas alternativas

Da Redação

Inserção de sistemas de aproveitamento da água da chuva nas graduações de todo o País; financiamento de pesquisas tecnológicas e de inovação para uso deste recurso natural; fomento de políticas públicas e a normatização técnica, para que a prática do aproveitamento da água da chuva tenha um delineamento claro e objetivo. Essas recomendações devem constar do documento final do 10º Simpósio Brasileiro de Captação e Manejo de Água de Chuva, encerrando nesta sexta-feira no campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, com o apoio da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará (Fapespa).

Doutor em desenvolvimento socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da UFPA, Ronaldo Lo-



Para Ronaldo Mendes, a água da chuva é mais fácil de usar que qualquer outro tipo de captação

pes Rodrigues Mendes, explicou que ao definir como tema do 10º Simpósio o título "Desbloquear o Potencial de Aproveitamento da Água de Chuva para o Brasil", o evento sinalizava o objetivo principal da discussão acadêmica junto aos demais

órgãos do poder público e da sociedade como um todo.

"Na verdade, nós temos uma gigantesca disponibilidade de água de chuva e não usamos. Temos de desbloquear isso. A coisa cai na tua cabeça, não precisa nem gastar ener-

gia para usar. É só aparar, colocar o reservatório próximo do telhado; de lá ela vai sair pela tubulação e cairá na tua torneira, não precisa nem bombear. Então, é relativamente simples. É bem mais simples que sistemas de captação de água

Residências podem ser beneficiadas com tecnologias de fácil acesso

do rio, ou de poço, com perfuração e instalação de bombas. Agora, é claro que a gente sabe que isso não resolverá todos os problemas. Cada caso é um caso. Mas, a gente acredita e sabe do nosso enorme potencial. E a gente está indicando várias alternativas para isso", afirmou Ronaldo Mendes, que tem 10 anos de docência na UFPA.

Ele explicou que a captação da água da chuva para uso múltiplo, inclusive, o potável, é simples, mas exige cuidados. "Naturalmente ao tocar o telhado de uma casa, a água pode ser conduzida por uma calha que a levará até um reservatório para armazenamento e só depois para o uso em si. Esse reservatório pode ser uma caixa d'água, um recipiente em alvenaria, enfim. Mas, temos de observar alguns cuidados para que esta água não nos cause problemas de saúde. Por exemplo, tem de haver o mínimo

de cuidado para que não haja acúmulo de mosquitos; larvas, tem de ter vedação. Essa é uma questão", pontuou.

Outro ponto, observou, é saber diferir entre a água que se quer ingerir e água para uso de limpeza em geral. "A água da chuva de uma forma geral é muito boa, é muito mais fácil torná-la potável do que a água do rio, por exemplo, mas isso não significa que ela esteja isenta de riscos à saúde. Então, para fins não potáveis, como usar na descarga do sanitário, os cuidados são bem menores. Nestes casos, se recomenda que os primeiros milímetros de água de chuva sejam descartados, porque a atmosfera baixa tem um nível de sujeira e o telhado também é sujo, e os resíduos vão acumular nas calhas, no telhado e essa água que cair no reservatório vai sujar o recipiente e ainda pode entupir toda a tubulação. Então, deve-se evitar isso com o melhor funcionamento. Se você for fazer uma coisa para ficar toda hora lá mexendo isso não é bom. O sistema deve funcionar sozinho. Como o público, em que a gente abre a torneira e a água está lá", comentou ele.

Sistema deve ser construído com reservatórios de tamanhos diferentes

Um sistema de captação de água da chuva deve compreender a criação de dois reservatórios. Antes do reservatório maior, a água deve cair primeiro num reservatório menor. Só depois que o menor estiver cheio ela deve passar automaticamente para o maior. Assim se tem maior segurança, porque grande parte da sujeira fica retida no reservatório menor. Na

chuva seguinte, o reservatório pequeno, que descartará água pingando, gotejando, já deve estar seco e acumulará de novo a primeira chuva e, com ela, a sujeira. "Para beber deve-se usar hipoclorito de sódio e um filtro convencional que tem a vela de cerâmica. Isso é suficiente", garantiu Ronaldo Mendes.

Ele assegurou que a captação de água da chuva para uso

doméstico, inclusive para ingestão, é uma realidade no Brasil, mas de forma bem diversa. No Nordeste brasileiro, na região do semi-árido, disse Mendes, há mais de um milhão de sistemas instalados, com mais de 4 milhões de pessoas beneficiadas. Em Belém, a regra serve para onde existe baixa captação de água potável, ou seja, nas ilhas. A UFPA, segundo informou,

desenvolve tecnologias em comunidades pequenas nas ilhas Grande e do Murutucu, próximas de Belém. Também há iniciativas do Governo do Pará nas ilhas, acrescentou.

Com as discussões encerradas nesta sexta no 10º Simpósio Brasileiro de Captação e Manejo de Água de Chuva, a intenção é fomentar a discussão, não somente entre os

entes científicos, mas junto a outros órgãos das esferas públicas a fim de gerar subsídios e recomendações formais para políticas públicas específicas e sobretudo normatizar tais práticas em legislações oficiais. "Tivemos aqui desde representantes de comunidades ribeirinhas a representantes da Fundação Nacional de Saúde, Ministério da Integração

Nacional e até do Senado. Todos eles têm colaboração para fomentar o debate. Queremos tirar proposições efetivas para políticas públicas e normas técnicas e legislações de forma mais pragmáticas, para que essa prática tenha um delineamento claro e objetivo para aplicação desses sistemas. Saber o que os governos estão fazendo e avançar", afirmou.